

1. O Império Clandestino das Drogas

(Fonte: Narcotráfico – Um jogo de poder nas Américas, José Arbex Jr. Ed. Moderna, 1ª ed. 1993)

Em 1991, quase 10 milhões de pessoas, população equivalente à da cidade de São Paulo, consumiram maconha nos Estados Unidos, e 1,9 milhão consumiu cocaína, de acordo com cálculos feitos pelo governo americano. Este número, segundo cifras oficiais, vem diminuindo desde 1986, quando Washington decidiu radicalizar o combate ao narcotráfico.

Ainda assim, só nos Estados Unidos o narcotráfico significava, em 1991, um negócio de 125 bilhões de dólares, valor equivalente ao da dívida externa brasileira e superior ao faturamento da maioria das grandes empresas americanas. Cidades importantes, como Miami e Los Angeles, tornaram-se centros de investimento deste dinheiro.

No Brasil não há uma estimativa confiável sobre o número de consumidores ou viciados, nem sobre as camadas da população mais atingidas pelo comércio de drogas. Mas a existência de pelo menos 100 mil traficantes¹ no país sugere as dimensões do comércio de drogas.

Como veremos mais adiante, cidades importantes como o Rio de Janeiro estão "loteadas" por "barões da droga". Em 1992, um escândalo nacional tornou amplamente conhecido o fato de que, em Brasília, a sede do Congresso Nacional havia se tornado um centro distribuidor de cocaína.

CONSUMO DE DROGAS ENTRE ESTUDANTES SECUNDÁRIOS NOS EUA (%)

	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991
Cocaína	6,7	6,2	4,3	3,4	2,8	1,9	1,4
Maconha	25,7	23,4	21,0	18,0	16,7	14,0	13,8

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 28 de fevereiro de 1992

Segundo um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgado em dezembro de 1991, entre 50% e 70% dos narcodólares são lavados e reinvestidos em negócios legais. Pelo menos 85 bilhões de dólares são reciclados nos Estados Unidos e Europa. No continente europeu, a cocaína era, à época, consumida por cerca de 125 mil pessoas.

Um Apartamento de Luxo por Minuto

De acordo com um relatório produzido em 1991 pelo Grupo dos Sete (G-7, formado pelos países mais industrializados: Estados Unidos, Alemanha, Japão, Itália, França, Grã-Bretanha e Canadá), os rendimentos produzidos pela indústria da droga na Europa e nos Estados Unidos atingiam 231.115 dólares por minuto. É como se a cada sessenta segundos alguém ganhasse um novo apartamento de luxo nos Jardins (conjunto de bairros elegantes de São Paulo).

FATURAMENTO ANUAL DO NARCOTRÁFICO NOS EUA, COMPARADO AO DAS GRANDES EMPRESAS (BILHÕES DE DÓLARES)

Narcotráfico	125
General Motors	125
Ford	96
Exxon	87,5
IBM	63
General Electric	54
Mobil	50

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 3 de agosto de 1992

Como dissemos na introdução deste livro, há dois grandes centros produtores de drogas no mundo: o Triângulo de Ouro, formado pelas fronteiras montanhosas entre Mianmar (antiga Birmânia), Tailândia e Laos, e a Amazônia Internacional, uma área de 7 milhões de quilômetros quadrados, dos quais 4,7 milhões no território brasileiro (ou seja, mais da metade da área total do Brasil), a totalidade da Guiana, da Guiana Francesa e do Suriname, e parte da Colômbia, do Equador, da Venezuela, do Peru e da Bolívia.

A Amazônia Internacional, que estudaremos nos próximos capítulos, é a principal produtora de cocaína. As economias de países como Colômbia, Bolívia e Peru tornaram-se dependentes, totalmente ou em parte, do dinheiro oriundo do narcotráfico. O narcotráfico na Amazônia Internacional é operado por cartéis, nome que se dá às máfias que controlam regiões inteiras. Os cartéis mais poderosos têm sede nas cidades colombianas de Medellín e Cali.

O Triângulo de Ouro produz pelo menos mil toneladas de ópio por ano. A distribuição da droga é praticada principalmente por minorias étnicas, que lutam por sua autonomia nacional, por partidos políticos ilegais ou por organizações paramilitares (exércitos privados) de natureza mafiosa.

O governo militar marxista de Mianmar, por exemplo, voltou-se ao comércio da droga depois que o Partido Comunista Chinês suspendeu sua ajuda econômica, nos anos 70, por divergências ideológicas.

Em 1990, o Partido Comunista Birmanês controlava até 50% da produção de ópio na região.

Mas não é só no Sudeste Asiático que os narcodólares são ou foram empregados em guerras e lutas nacionais. Também no Afeganistão, os guerrilheiros muçulmanos buscaram no narcotráfico os meios de sustentar sua luta contra o Exército Vermelho, da ex-União Soviética, que ocupou o Afeganistão durante dez anos, até 1989. A principal zona de produção de heroína estava na fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão.

Conexão CIA-Drogas

A própria Agência Central de Inteligência (CIA) e a Agência de Repressão às Drogas (DEA), em aberta contradição com a retórica oficial contra as drogas, negociaram com narcotraficantes sempre que isso lhes foi conveniente. Isso já havia acontecido durante a Guerra do Vietnã, nos anos 60-70, e voltou a acontecer nos anos 80, para financiar suas atividades de sabotagem contra o governo sandinista da Nicarágua.

Todos esses fatos mostram que as drogas percorrem um longo e tortuoso caminho, que começa no local em que são produzidas e termina no consumidor final. Há várias rotas adotadas pelos narcotraficantes, cujo grande problema é contornar o policiamento internacional de fronteiras terrestres e espaços aéreos. A região amazônica, por ser, ainda, um imenso vazio e por possibilitar o cultivo da folha de coca e, em menor escala, de maconha, é uma região privilegiada para o narcotráfico.

Mas os problemas dos narcotraficantes não terminam com a venda das drogas. Eles precisam dar um jeito de aplicar o dinheiro que lhes servirá para fazer negócios legais. Trata-se do processo de lavagem de narcodólares. Como são quantias muito grandes de dinheiro, eles não podem, simplesmente, entrar num banco e depositar. A maioria dos países agora exige que se explique a origem do dinheiro cada vez que a soma ultrapassa um certo valor (estipulado, em geral, em 10 mil dólares, menos do que valia, em 1992, qualquer carro nacional zero-quilômetro no Brasil).

O MERCADO DA COCAÍNA NO MUNDO (DÓLARES POR QUILO)

Japão	100.000
Austrália	95.000
Grécia	80.000
Suécia	75.000
Grã-Bretanha	42.000
Alemanha	38.000
Itália	36.000
França	34.000
Espanha	30.000
Nova Iorque	20.000
Miami	13.000

Fonte: *Folha de S.Paulo*, 1º de setembro de 1991

Paraísos Financeiros

Durante muitos anos, os narcotraficantes utilizaram amplamente os chamados "paraísos financeiros". São regiões em que as instituições financeiras não indagam a origem do dinheiro que recebem, e fornecem todas as facilidades para o seu reinvestimento em indústrias, bolsas de valores e comércio legais.

O Panamá, por exemplo, tornou-se um paraíso financeiro após uma lei de sigilo bancário aprovada em 1970. Em pouco tempo, 74 bancos (eram 5 em 1960) captaram 11 bilhões de dólares em depósitos. Outros "paraísos" são: Ilhas Virgens (britânicas), Bahamas, Bermudas, Malta, Chipre, Mônaco, Liechtenstein, Gibraltar, Hong Kong e Cingapura.

Mas as normas de controle internacional tornam cada vez mais difícil transportar o dinheiro arrecadado nos países ricos para esses "paraísos". Mesmo países que se notabilizaram, no passado, por preservar o sigilo bancário, estão sendo pressionados a tornar mais flexíveis seus esquemas de proteção de contas. É o caso da Suíça.

Isso não quer dizer que os bancos cumpram, rigorosamente, as normas exigidas pelos governos para controle do fluxo de caixa. Ao contrário, são freqüentes as denúncias na imprensa de que a maioria dos bancos faz vista grossa para o problema da origem do dinheiro, com o óbvio objetivo de aumentarem seus lucros.

Em abril de 1991, o banqueiro saudita Gaith Pharaon, um dos quinze homens mais ricos do mundo, fez uma declaração bombástica em Buenos Aires: todos os grandes bancos lavam dinheiro do narcotráfico internacional, incluindo-se instituições tradicionais, como o First Bank of Boston e o Crédit Suisse.

Pharaon se dizia vítima de "injustiças" e "perseguições" por parte da imprensa, já que, segundo ele, apenas o seu banco, Bank of Credit and Commerce International (BCCI), estopim de um grande escândalo financeiro internacional em 1992, era freqüentemente citado por vinculações ao narcotráfico.

Entre suas propriedades, o banqueiro incluía uma cadeia de supermercados na França, parte das ações do Club Méditerranée no mundo inteiro e da rede de hotéis Hyatt. Entre seus amigos, figuravam o presidente da Argentina, Carlos Menem, e o ex-homem-forte do Panamá, Manoel Antonio Noriega. (Os vínculos de Noriega ao narcotráfico são abordados com detalhe neste livro).

O comportamento dos banqueiros, é óbvio, torna as coisas mais fáceis para os narcotraficantes. Uma vez lavados, os narcodólares são aplicados em comércio e indústria, ou reinvestidos no tráfico (pagamento de camponeses, intermediários, transportadores de droga, compra de armas e, é claro, para subornar policiais, políticos, juízes, jornalistas, etc).

A polícia norte-americana acredita que apenas em Los Angeles circulavam, em média, 15 milhões de narcodólares por dia em 1991. No Deserto de Mojave, que circunda Los Angeles, há cerca de cem aeroportos clandestinos para o transporte de drogas, e a polícia alega não ter os meios materiais para desativá-los. Uma única loja de jóias de Los Angeles lavou 1,2 bilhão de narcodólares colombianos em dezoito meses. Isso representa 2 milhões de dólares por dia ou 90 mil dólares por hora.

Em março de 1990, um tribunal de Miami condenou Ramón Milian Rodríguez a 43 anos de prisão e multa no valor de 6,5 milhões de dólares. Ele era acusado de ter lavado pelo menos 150 milhões de narcodólares. Esse é apenas um exemplo.

Naquele mesmo ano, o movimento bancário de Miami apresentava um volume extraordinário de dinheiro em circulação: por volta de 5 bilhões de dólares acima da média considerada normal. Especialistas americanos dizem que grande parte desse volume foi originada pelo narcotráfico.

Uma das explicações para essa soma tão grande é o fato de Miami ser, por sua proximidade geográfica à América Central e à andina, o principal centro receptor de drogas dos Estados Unidos (por lá passam 70% da droga vendida nos Estados Unidos).

Ao que parece, o Brasil também se tornou uma espécie de paraíso financeiro, desde que o governo Collor permitiu que capitais estrangeiros comprassem títulos e ações nas bolsas de valores do país. Principalmente a partir do início de 1992, os volumes de investimentos se tornaram cada vez maiores, atingindo a ordem de meio bilhão de dólares em julho. Não se pergunta a origem desse dinheiro.

Além disso, um dos subprodutos do escândalo PC Farias, que abalou o Brasil em 1992, foi a constatação de que a rede bancária simplesmente não tinha qualquer controle sobre "depositantes fantasmas", isto é, pessoas que mantinham contas sob nomes falsos. Este fato basta para demonstrar a impossibilidade de controle sobre a origem do dinheiro movimentado².

É óbvio que, com tantos interesses em jogo, o mundo da droga é, ao mesmo tempo, muito grande mas clandestino, lucrativo mas perigoso. Ninguém que conviva com esse mundo durante muito tempo sai ileso, do ponto de vista tanto de quem usa drogas, por criar uma dependência física e psíquica, como de quem participa do narcotráfico. Ultrapassado certo limite, é difícil encontrar o caminho de volta.

COMO SÃO LAVADOS OS NARCODÓLARES

Os lavadores de dinheiro precisam transferir recursos por meio de uma série de entidades, até que os rastros da origem ilegal dos narcodólares tenham desaparecido.

As exigências de controle do dinheiro complicam os problemas logísticos de se depositarem grandes somas. Para escapar às exigências, clientes estruturam suas transações em limites abaixo do limiar de prestação de informações da Lei do Sigilo Bancário dos Estados Unidos. Essas tentativas se enquadram em padrões conhecidos de atividades:

- * empreender transações múltiplas em moeda, mantendo cada transação abaixo de 10 mil dólares
- * fazer depósitos em várias contas, por meio de agências diferentes ou no decorrer de vários dias
- * adquirir instrumentos bancários múltiplos, incluindo-se cheques ou retiradas bancárias, ordens bancárias, cheques de viagem, ações, bônus, certificados de depósito, etc
- * trocar pequenas notas de "moedas de rua" por grandes

* solicitar pagamento de empréstimos ou resgate de instrumentos monetários abaixo dos 10 mil dólares

* efetuar reembolsos de empréstimos com instrumentos múltiplos, cada um deles abaixo de 10 mil dólares.

fonte: documento do Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos (USIS), no *Boletim Informativo da Associação Nacional das Empresas Credenciadas em Câmbio*, fevereiro de 1992.

_____ (Notícia publicada em 10 de Julho de 2005 na Folha de São Paulo) _____

AMÉRICA LATINA

Para especialistas, números oficiais divulgados pelo programa de combate à droga são "pouco realistas"

Produção de cocaína dribla Plano Colômbia

CAROLINA VILA-NOVA

ENVIADA ESPECIAL À COLÔMBIA

É uma questão de minutos para a carga ser retirada das pequenas caminhonetes que descem as veredas das montanhas da Serra Nevada, depositada na deserta praia das Sete Ondas e então carregada em pequenas lanchas. Também em poucos minutos as lanchas atingem o alto mar do Caribe, em direção a San Andrés, Haiti, México -e, daí, para os EUA. A carga: cocaína pura.

A operação, na zona de Santa Marta -área controlada pelos paramilitares da AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia)-, é um exercício de treinamento militar, mas ilustra como 300 toneladas anuais de cocaína -quase uma tonelada diária- escoam pelos 1.600 km de extensão da costa norte colombiana, principal corredor de escoamento da droga para a América Central e o Caribe, por onde passa 70% do que consome o mercado americano.

Com um forte aparato composto de forças americanas e colombianas, a chamada Operação Muralha de Fogo conseguiu interceptar apenas 6,8 das 300 toneladas que passaram pela área em 2004 e capturar nove pessoas. Neste ano, até maio, foram 2,3 toneladas de coca interceptadas.

Para muitos, a costa norte colombiana é a face mais visível do balanço no mínimo ambíguo de quase cinco anos de Plano Colômbia, o programa de assistência militar dos EUA que chega ao fim em dezembro.

De 2001, primeiro ano após o início do plano, até 2004, a redução na produção de cocaína foi de 36,8% -de 617 para 390 toneladas. A meta original era 50%.

A redução não foi suficiente para atingir os níveis de produção anteriores ao início do plano. Em 1994, por exemplo, a Colômbia produziu 201 toneladas de cocaína -189 a menos que em 2004, o que indicaria uma tendência à estabilização da produção no longo prazo.

A Colômbia ainda é o maior produtor mundial de cocaína, sendo responsável por 56% da produção cujo principal destino os EUA, segundo o Relatório Mundial sobre Drogas 2005, divulgado pela ONU recentemente.

Em defesa do plano, Bogotá e Washington alegam que, em 2004, pela primeira vez conseguiram impedir que metade da produção potencial de cocaína -687 toneladas- chegasse a termo.

Apontam ainda que, em 2001, a Colômbia apresentava 169 mil hectares cultivados com a planta da coca. Ações de erradicação fizeram com que a área caísse para 80 mil hectares no ano passado.

No entanto, para reduzir a área de cultivo de 86 mil hectares em 2003 para os 80 mil hectares, as forças colombianas precisaram pulverizar 132 mil hectares.

A diferença se explica, entre outros fatores, pela alta taxa de replantio. Em média, 40% da área erradicada volta a ser plantado após três ou quatro meses, segundo a ONU e o governo dos EUA. Ao menos 10% das plantas sobrevivem à pulverização.

"Os narcotraficantes não estão dispostos a abrir mão de sua produção e replantam uma alta porcentagem do que é erradicado", disse à Folha uma alta fonte diplomática de controle de narcóticos, em Bogotá.

No departamento de Nariño, por exemplo, onde o cultivo é dividido entre paramilitares e as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), a estimativa é que 90% da área pulverizada seja replantada. "Fora os novos campos abertos para novos cultivos", disse a fonte.

Cálculos

"Diz-se que há uma redução de 50% nos cultivos, mas tudo indica que a quantidade de cocaína continue sendo mais ou menos a mesma de há anos e que a demanda continue mais ou menos igual. Isso porque o preço [da droga] no mercado não mudou de maneira substancial", disse à Folha o analista militar Alfredo Rangel, que dirige a Fundação Segurança e Democracia em Bogotá.

"O último informe da ONU fala de um aumento dos consumidores de coca no mundo, de 13 milhões para 13,7

milhões. Aumentando o consumo, o preço deveria aumentar, se a produção cai", explicou Rangel, ex-assessor presidencial de Segurança Nacional (1998-2002). "Isso não está acontecendo, então é muito provável que esses cálculos não sejam muito realistas."

O analista explicou que, enquanto algumas zonas sofreram redução no cultivo, houve uma multiplicação do plantio em outras. "Adicionalmente, em algumas áreas a produtividade do cultivo aumentou, ou seja, há um número maior de matas de coca e essas matas aparentemente produzem uma maior quantidade da substância ativa da coca. Há também espécies mais resistentes à pulverização." Além disso, afirmou, os cultivos estão mais dispersos, o que os torna mais difíceis de detectar e pulverizar.

Parques

Uma das áreas em que houve um aumento substancial no cultivo de drogas, em que pesem os esforços do Plano Colômbia, são os parques e reservas naturais. Já foram detectados cultivos ilegais em 22 das 49 áreas protegidas, que abrigam, segundo estimativa oficial, 9.000 hectares de coca.

A Serra Nevada, dentro do parque nacional de Tayrona, é um desses lugares. Alturas que se pensariam inalcançáveis escondem não apenas plantações de coca, às vezes camufladas entre outras roças, mas acampamentos de cocaleiros e laboratórios rústicos de produção da cocaína, conforme constatou a reportagem da Folha ao sobrevoar a área em helicóptero. A destruição ambiental é considerável.

Na reserva nacional de Nukak, centro do país, o aumento dos plantios de coca foi de 97% apenas entre 2000 e 2002 - foi de 743 para 1.462 hectares.

"Os cultivos estão aumentando bastante em parques e reservas naturais porque os narcotraficantes sabem que o governo não pode pulverizar essas áreas por razões ambientais", disse a fonte diplomática de controle de narcóticos em Bogotá.

A erradicação manual é, na prática, impossível, pelo difícil acesso e por razões de segurança. Muitas áreas, por exemplo, estão no coração dos combates do Plano Patriota, ofensiva militar do governo Álvaro Uribe contra as Farc.

Presença

Apesar dos problemas, os EUA apontam avanços resultantes do plano. "O governo estabeleceu presença em todas os municípios [áreas urbanas] do país, em lugares onde isso não existia há até 20 anos", disse um alto oficial das forças especiais americanas na Colômbia.

"Só como um exemplo, em Saravena [nordeste], que já foi apelidada de Sarajevo devido à alta mortalidade e onde há dois anos os soldados nem sequer saíam dos quartéis, hoje há cinco projetos de ação civil em andamento."

Isso não significa que o terço do território controlado pelas Farc tenha sido retomado, mas que o conflito armado acabou concentrado nas zonas rurais, onde a guerrilha mantém seus redutos.

"Depois que uma cidade é retomada, há um trabalho para restabelecer a presença do Estado que inclui polícia, serviços de saúde e de educação, o que é essencial para restabelecer a legitimidade do governo, e estamos ajudando os colombianos nisso", disse o oficial. "Um Exército de 200 mil homens é grande, mas eles não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo. É preciso colocar o tamanho do país em perspectiva", ressaltou.

A jornalista **Carolina Vila-Nova** viajou à Colômbia a convite do Departamento de Estado dos EUA. O transporte a zonas de conflito ocorreu em avião militar americano e helicóptero policial colombiano.

Notícia publicada em 30 de junho de 2005 no "Jornal do Brasil" – RJ

Drogas movimentam US\$ 322 bilhões

Volume representa 0,9% do Produto Interno Bruto Mundial. Venda da maconha, no varejo, chega a US\$ 113 bilhões

O Relatório Mundial sobre Drogas da ONU para 2005 trouxe duas novidades: pela primeira vez foi medido o tamanho do mercado em todo o planeta e também estabelecido um índice para aferir o grau dos problemas representados pelos tóxicos nas diversas regiões.

São US\$ 322 bilhões (R\$ 886 bilhões) em vendas ao consumidor final, o que equivale a 0,9% do Produto Interno Bruto Mundial. O volume de drogas no atacado (US\$ 94 bilhões) representa 1,3% das exportações globais, e excede em larga escala o comércio internacional de carne, trigo, café e derivados do tabaco, entre outros produtos. A venda de maconha vem na frente - US\$ 113 bilhões, no varejo - seguida pela cocaína, opiáceos (heroína, morfina), drogas sintéticas (anfetaminas, ecstasy) e haxixe. A maconha, aliás, foi a única droga que apresentou crescimento significativo do número de consumidores - 15 milhões a mais em relação ao último relatório.

Cerca de 200 milhões de pessoas (5% da população mundial) usam drogas. Desses, 160,9 milhões consomem maconha ou haxixe, e 26 milhões anfetaminas, os produtos mais usados. O Índice Global de Drogas Ilícitas (IDI), apresentado pela primeira vez no relatório, tem três variáveis (produção, tráfico e consumo). Quanto maior, mais sério o problema na região estudada. O maior índice é o do Oriente Médio e Sudoeste da Ásia, em razão da produção de ópio no Afeganistão e do tráfico nos países limítrofes. Na América do Sul - que tem o segundo maior IDI - o

problema é a intensa produção e tráfico nos países andinos. O terceiro o maior IDI é o da América do Norte, que reflete o consumo e o tráfico sobretudo de drogas sintéticas.

O Brasil "é um país médio", não apresentando índices exorbitantes nem na produção nem no tráfico, nem no consumo. A constatação é do representante do Escritório das Nações Unidas Contra Drogas e Crime (UNODC) para o Brasil e o Cone Sul, Giovanni Quaglia.

Quaglia se encarregou de desfazer alguns mitos como o de que o Brasil está se transformando num entreposto da droga produzida nas Américas em direção à Europa. Mais de 90% dessas drogas - revelou - saem via México e Caribe. Um outro mito desfeito pelo especialista é de que em alguns países, como a Bolívia, os cultivos direcionados à produção de drogas representam um problema de sobrevivência para as populações pobres.

Com a autoridade de quem trabalhou alguns anos na Bolívia e no Afeganistão, Quaglia afirma que os produtores ficam com uma parcela insignificante de ganhos, que está concentrado no varejo, e costumam ocupar áreas públicas - como reservas protegidas, por exemplo - para o plantio.

quanto à situação brasileira, o representante do UNODC foi enfático.

- A experiência mostra que os programas de recuperação dos usuários de drogas são as medidas mais eficientes para reinseri-los na vida social. E não é fácil estruturar programas de governo. Levam em média 25 anos para serem consolidados. Nesse ponto o Brasil está atrasado - afirmou.

Um outro temor do representante da ONU é a possibilidade de expansão de drogas sintéticas (anfetaminas e ecstasy) no Brasil.

- São dois fatores. O tamanho da indústria química brasileira e a facilidade para a fabricação destas drogas - adverte. Em relação aos seus vizinhos do Cone Sul - Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, é o primeiro lugar no consumo de ecstasy.

O relatório da ONU mostra ainda que em 2003, o país registrou a quinta maior apreensão mundial de maconha e a oitava de cocaína.

A totalidade da cocaína que chega ao Brasil vem de países sul-americanos: Colômbia, Bolívia e Peru. E o país também não foge à regra mundial da alta incidência de portadores de Aids, entre os que usam drogas injetáveis: entre os brasileiros, a percentagem é de 50%.

(Notas ao texto do livro de José Arbex Jr.)

¹ Estimativas de 1993

² Alguns mecanismos de controle foram implantados e/ou aperfeiçoados a partir da década de 1990 tanto pelo Banco Central do Brasil quanto pela Receita Federal (nota de transcrição).